

A queda para o alto: a experiência de Anderson Herzer na construção de seu corpo, de seu gênero, de sua sexualidade

Leocádia Aparecida Chaves

Resumo: Este artigo discutirá, a partir da autobiografia de Anderson Herzer, *A queda para o alto*, a construção de seu gênero, de seu corpo e de sua sexualidade, fundamentalmente, no período que foi interno na Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor (Febem) nos anos de 1980 em São Paulo. Salienta-se que essa experiência será marcada por múltiplas violências ainda hoje impostas, em todos os espaços de nossa sociedade, a todos àqueles desviantes da norma cisgênera heteronormativa sedimentada e alimentada pela dominação masculina. Herzer, porém, como um guerreiro em campo de batalha não se sucumbirá às regras que lhes foram determinadas ao nascer; identificado como Sandra até a adolescência se construirá Anderson. Portanto, como um “imigrante de um padrão normativo” viverá sob a pele que habita o estigma de doente, o estigma que carrega o desvirtuador da ordem patriarcal estabelecida. No entanto, subverterá esta ordem e ao (re)ocupar seu corpo, sua identidade, sua sexualidade, ocupará subversivamente o espaço da escrita revelando tanto a sua potente lucidez - contrariando os discursos opressores - quanto aos efeitos tóxicos da dominação masculina na constituição de sua experiência identitária. Dessa forma, se por um lado “desvia da ordem”, por outro, paradoxalmente, a reafirma. Nesta perspectiva, salientamos a importância dessa escrita denúncia, dessa escrita desabafo que de forma engajada revela os dispositivos do poder que nos impõe um *modus vivendi* que violenta, que oprime que, não raras vezes, leva à morte aquele que desvia da ordem imposta pelo Estado, pela Igreja, pela Ciência e pela Família.

Palavras-chave: Autobiografia; Experiência; Transexualidade masculina; Dominação Masculina;

Abstract: Based on Anderson Herzer’s autobiography, *A queda para o alto*, this paper aims to discuss the construction of Herzer’s gender, body and sexuality during the period he was at the State Foundation for the Welfare of Children (Febem) in the 1980s, in São Paulo. It is worth saying this experience has been marked by multiple violences, generally motivated by male domination, that still today take place in every area of our society to those who do not conform to the cisgender heteronormative pattern. Herzer, however, as a warrior in a battlefield, did not succumb to the rules that have been imposed to him the moment he was born; identified as Sandra until adolescence, he became Anderson. Therefore, as an “immigrant of a normative pattern” he lived under the stigma of the sick, of the one who distorts from patriarchal order. However, he subverted this order and regained his body, identity and sexuality, while subverting the space of his



writing and revealing with lucidity – contrary to oppressive discourses – an awareness of the toxic effects of male domination on the constitution of his identity. In this way, if on the one hand he distorts from the order, on the other hand, paradoxically, he reaffirms it. From this perspective, it is worth mentioning the importance of these writings that are a way to denounce and yell the power devices which impose on us a *modus vivendi* which is violent, oppressive and, not rarely, lead to death those who distort from the order imposed by the State, the Church, Science and the Family.

Keywords: Autobiography; Experience; Male Transsexuality; Male Domination;

“Tentei, venci, porém um dia faleci”.
(Anderson Herzer)

Pierre Bourdieu em *A dominação Masculina* (2002) defende que é premente desnaturalizar e historicizar a ordem masculina incrustada em nosso modo de pensar, comportar, sentir, falar, pois este *modus operandi* faz com que a reprodução da ordem social seja mantida e legitimada, ao longo da história sob múltiplas violências, vitimizando tanto mulheres, quanto homens. É necessário pois “(...) demonstrar os processos que são responsáveis pela transformação da história em natureza, do arbitrário em cultural (...)” (BOURDIEU, 2002, p.2)

O teórico também salienta que os papéis sociais, dentre eles o de gênero e da sexualidade, são fruto de uma construção classificatória e hierarquizadora pedagogicamente ensinada e consolidada pelo Estado, pela Igreja e pela família, que sob a ótica masculina e por meio da linguagem se reitera e se consolida cotidianamente tanto no âmbito privado quanto no público, tanto na esfera doméstica, íntima, quanto na institucional:

Se é verdade que o princípio de perpetuação dessa relação de dominação não reside verdadeiramente, ou pelo menos principalmente, em um dos lugares mais visíveis de seu exercício, isto é, dentro da unidade doméstica (...) mas em instâncias como a Esco-

la ou o Estado, lugares de elaboração e de imposição de princípios de dominação que se exercem dentro mesmo do universo mais privado(...). (BOURDIEU,2002,p.4-5)

Com relação às essas práticas, Guacira Louro no artigo *Pedagogias da sexualidade* (2000) ao discutir a concepção de universalidade e normalidade do padrão cisgênero heterossexual patriarcal, revela como o sistema escolar trabalha para a manutenção desta “ordem”. Para isso, toma como referência o artigo de Philip R. D. Corrigan *Making the boy: meditation on what grammar school did with, to and for my body* (1999) que ao refletir sobre as práticas escolares “educadoras ” do corpo e da produção do masculino e, por consequência do feminino, divide com o leitor suas memórias escolares. Segundo Corrigan, esta pedagogia dos corpos é sutil, discreta, contínua, forte e duradora. Aos meninos, cabe o controle da emoção, o incentivo à competição e o estímulo à violência consentida. Às meninas, a docilidade, fragilidade, gentileza e obediência. Como resultado, alcança-se a produção de homens e mulheres “civilizados”, homens e mulheres “de verdade”! Como resultado, consolidamos a produção de discursos monoidentitários opressores, repressores, classificatórios e hierarquizadores sob o padrão cisgênero¹ heteronormativo.

Nessa perspectiva, uma questão se impõe: qual a posicionalidade dos corpos- identidades que não existem de acordo com a normatividade, de acordo com o discurso-padrão imposto? Judith Butler em *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do corpo* (2000) refletirá sobre essa questão. Ao fazê-lo, primeiramente, dimensiona o poder reiterativo dos discursos que produzem essa *performatividade*

¹ Cisgênero (a) é a condição que abarca as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado no momento de seu nascimento em função da equivalência fisiologia natural e norma socialmente construída para essa vinculação: se nascido com genitália masculina, homem; se nascido com genitália feminina, mulher (JESUS, 2012).

padrão, que regula e que constrange e dessa forma cria uma matriz excludente como norma cultural assumida pela sociedade e pelos seus meios discursivos. Destaca-se que na reflexão apresentada pela filósofa “os corpos que pesam” para o sistema normativo, os que têm importância, valor, são os “modulados”. Os outros importam apenas para confirmar o seu lugar de exclusão e marginalidade, o de não-posicionalidade.

Louro (2000), no entanto, nos lembra de que a participação do sujeito na construção de sua identidade é ativa contribuindo para que este processo seja plural e permanente completado por meio do autogoverno e da autodisciplina o que tornará cada experiência única. Nessa perspectiva, acrescentamos a compreensão do conceito de experiência para Teresa de Lauretis (1984):

Experiência [diz ela] é o processo pelo qual, para todos os seres sociais, a subjetividade é construída. Através desse processo a pessoa se coloca ou é colocada na realidade social e, assim, percebe e compreende como subjetivas (que se originam no indivíduo e se referem a ele próprio) aquelas relações – materiais, econômicas e interpessoais – que são, de fato, sociais, e numa perspectiva maior, históricas. (1984, p.159 *apud* SCOTT,1999, p.31)

Por outro lado, Louro (2000) também nos lembra de que nossa sociedade constrói suas pedagogias de gênero e sexualidade sob o silenciamento e castração das diferenças, inexistindo uma discursividade pela emancipação.

Disso, colocamos: o que resta àqueles que rompem com as fronteiras estabelecidas pelos dispositivos de poder sobre suas subjetividades e reconstrõem seus corpos, sua sexualidade, seu gênero rejeitando vinculações compulsórias? Como os efeitos da dominação masculina agem sobre as subjetividades até mesmo dos subversores



da ordem cisnormativa? Como o espaço literário pode ser agenciado para o fortalecimento de uma perspectiva despatologizante de identidades desviantes do padrão vigente?

Herzer: entre a lucidez de sua escrita e os efeitos da dominação masculina e da norma patologizante na construção de seu corpo, de seu gênero e de sua sexualidade, uma experiência identitária

Bem, é neste contexto de reflexão que discutiremos a experiência de construção da identidade masculina por Anderson Herzer narrada na sua autobiografia *A queda para o alto* (1982). Herzer, protagonista de sua vida, de sua experiência identitária, escritor de sua história - sujeito de si - se constitui na diferença: nasce Sandra, morre Anderson. Ao vivenciar esta transição, contraria a norma cisgênera heteronormativa (determinada pela Ciência, pela Igreja, pelo Estado e pela Família) que compulsoriamente o vincula, no ato de seu nascimento, ao gênero feminino em função de sua genitália.

Nesta perspectiva, situamos a sua experiência a partir das reflexões apresentadas por Stuart Hall (2002) quanto à conquista do direito de constituição das identidades sociais pelos sujeitos sociais, que na pós-modernidade, mais do que nunca, ocorre no descentramento, ainda que de forma paradoxal e ambivalente:

Um tipo diferente de mudança estrutural [que] está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Essas transformações estão mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integra-

dos. (HALL, 2002, p.9)

O sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades. Algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. (...) O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático (HALL, 2002, p.12).

Dessa forma, se existe um padrão imposto ao homem pós-moderno, também lhe é facultado o deslocamento, a fluidez, a fragmentação na constituição de sua experiência identitária, que a desvincula - necessariamente - de uma identidade auto-evidente, pois a sua constituição é permeada de processos subjetivos (LAURENTIS apud SCOTT, 1999, p.31) e por isso, tem se tornado um campo de contestação, de exigências múltiplas e conflitantes permanentemente sufocadas, silenciadas.

Nesse sentido, destacamos que Herzer mesmo contrariando a norma pela auto-evidência de sua identidade e à revelia dos múltiplos silenciamentos a ele impostos continuará afirmando o modelo imposto pela dominação masculina e neste paradoxo e ambivalência avocará para si o direito a uma nova identidade ainda que estigmatizado como um sujeito desviante, doente². Porém, indagamos: quais percursos restaram para ele, que não se sucumbiu a esta ordem sócio-moral e decide transitar do gênero feminino para o masculino, podendo ter sua identidade de gênero ser “lida”, na atualidade, como a de um transexual³?

² A transexualidade, a despeito da Teoria *queer* e de militâncias diversas, ainda se circunscreve no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) da Associação Americana de Psiquiatria (APA) (2013) como “disforia de gênero” e como “perturbação da identidade sexual” na Classificação Internacional de Doenças (CID-10) da Organização Mundial de Saúde (OMS) (OLIVEIRA in JESUS, 2014).

³ De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-5 (2013), transexual indica um indivíduo que busca ou que passa por uma transição social

Nesta perspectiva, a escrita de sua história lhe possibilitará, fatalmente, tanto a busca pela reconfiguração de si mesmo nos seus desafios existenciais mais íntimos quanto a denúncia das violências sofridas pela Família e pelo Estado: “O tempo foi passando, e eu me tornando uma criança adulta, que lutava contra tudo e contra todos (...)” (HERZER,1982, p.33). Na infância, antes da morte da mãe, Sandra Mara Peluzzo; depois, Sandra Mara Herzer; já na Febem, “mulher paraíba” - um autêntico machão; e em liberdade assistida, Anderson Herzer. Dessa forma, ao longo de seu relato, o leitor se aproxima dos conflitos relacionados ao seu gênero, ao seu corpo e a sua sexualidade, portanto, dos processos constituintes de uma identidade escolhida e avaliada, julgada e nominada pelo Outro. Sua escrita, portanto, nos revela trânsitos identitários.

Para a discussão que realizaremos, destacamos o tratamento “mulher paraíba”, que nos suscita algumas questões: como a virilidade masculina, territorializada na supremacia do homem sobre a mulher, no silenciamento de emoções, na competição mesquinha, como discutidas por Louro (2000), se revelam na construção de sua masculinidade? Como se revelam no corpo de sua autobiografia produzida no início nos anos de 1980, quando as questões teóricas relativas à transexualidade ainda germinavam? Para além: como esses elementos se revelam como toxinas⁴ para essa vida-identidade em construção?

Nesta perspectiva, retomamos as reflexões de Pierre Bourdieu

de masculino para feminino ou de feminino para masculino, o que, em muitos casos (mas não em todos), envolve também uma transição somática por tratamento hormonal e cirurgia genital (cirurgia de redesignação sexual).

⁴ O uso do termo toxina para discutir os efeitos da dominação masculina na experiência dessa construção identitária nos parece pertinente considerando que **toxicidade** ou **toxidez** é a qualidade que caracteriza o grau de virulência de qualquer substância nociva (toxina) para um organismo vivo ou para uma parte específica de um organismo. Assim, a toxicidade de uma substância dependerá tanto da dose “ingerida” quanto da subjetividade de cada para caracterizar o seu grau de virulência.

(2002) que discute o quanto o homem é vítima de si mesmo, ou seja, o quanto o processo histórico de dominação masculina “envenena” tanto quem oprime quanto quem é oprimido. Portanto, esta metáfora nos parece pertinente, pois os elementos da dominação masculina podem ser lidos como “substâncias” com alta competência destrutiva na construção de toda e qualquer identidade.

Para Sandra, que se construirá Anderson, essa toxicidade, nos parece, se caracterizará com grande virulência, no entanto, também lhe garantirá tanto a construção de um corpo-identidade resistente, como de um corpo-identidade combativo mas que se sucumbirá à morte: ao suicídio⁵. A sua vida relatada em *A queda para o alto* revela uma agonia de existir, uma agonia do existir numa sociedade que educa - apenas - para monoidentidades.

Interessante notar que num exercício de digressão, Herzer irá buscar entender as causas que justificaram as internações compulsórias que sofreu, bem como as sequelas desse processo em seu comportamento. Para isso rememora os primeiros anos de sua vida e os traumas deles decorrentes. Embora o enfoque de seu relato seja os anos de internação na Febem, parece territorializar no “fracasso” do pai e da mãe, dos lugares do masculino e feminino estabelecidos pelo patriarcado, o seu próprio fracasso: o pai brutalmente assassinado por outro homem; a mãe uma “ (...) mulher vulgar. Nem minha e nem de minha irmã; nem de João, Pedro ou José. De todos, ao mesmo tempo sozinha” (HERZER,1982,p.28).

Ao relembrar a “falência” do microcosmo patriarcal a que se vincula, revela a demonização da mãe que é levada à prostituição para sobreviver na ausência do provedor, do pai. Revela a mulher

⁵ De acordo com matéria divulgada pelo portal da EBC Agência Brasil em 13/11/2015, entre janeiro de 2008 e março de 2014, foram registradas 604 mortes de travestis e transexuais no país. As narrativas de vida não ultrapassam os 35 anos de idade, envelhecer é praticamente impossível.

expurgada pela família, que ao romper a fronteira do discurso moralizador sobre o seu corpo, não merece sequer choro na morte:

Fiquei triste, com vontade de chorar, apesar de tudo. No momento exato, não tive meios para me mover, mas de repente, pensei em fugir daqueles comentários. Andei em direção aos fundos da casa, onde existia uma pequena horta. Foi lá que chorei, sem que ninguém visse, de cabeça baixa, fingindo que estava colhendo abobrinhas. (HERZER,1982,p.28)

Portanto, é a partir desses elementos que construirá a sua masculinidade : “Quisera eu ter um início, movido por uma varinha mágica, mas o modo mais simples e sincero seria começar relatando a minha vida, sem esconder fatos desagradáveis (...)” (HERZER,1982,p.27).

Após a morte da mãe, é adotado pela “tia A e pelo tio B” e neste momento rompe com a identidade de Sandra Mara Peluzzo para assumir uma outra identidade, a de Sandra Mara Herzer. Com uma infância marcada por perdas familiares e materiais, pelo desfalecimento de um modelo de ordem social estabelecido, se recorda que ao atingir os nove anos “(...) a agressividade parecia ter se infiltrado no [seu] sangue (HERZER,1982,p.33) e aos catorze, buscava “fugir desta dura realidade”:

A bebida já era meu alimento diário. Sem o álcool, eu não era nada, brigava muito em casa, mas bastavam algumas doses e me transformava, jogava palitos, baralho, participava de rachas de carros e motos, em São Bernardo do Campo. Porém, se não bebesse nada, só tinha vontade de fugir, de brigar, de ver sangue alheio ou meu mesmo. (HERZER,1982,p.35)

Como resultado desse “mal comportamento”, como já mencionado, sofrerá internações compulsórias em casas de recuperação de jovens como na Comunidade Terapêutica Enfance e Instituto Eldorado de Repouso, “(...) onde convivia com todo tipo de gente, inclusive deficientes mentais” (HERZER,1982, p.38) e por último “Febem... Um encontro direto com a marginalização!” (HERZER,1982, p.39).

Interessante notar que Herzer indica como agravamento de seu “mal comportamento” a descoberta da infidelidade da mãe adotiva, o que atormentava fortemente. Pois, a partir disso passou a viver “Com medo que tudo se arruinasse, novamente” (HERZER,1982, p.40)

Não considerava correto e até hoje continuo a pensar assim, que uma mulher casada, mãe de filhos, tivesse família, outra pessoa com quem se ocupar, ou seja, dividir um amor, prometido ser eterno, com outro homem que não seja meu pai. (HERZER,1982, p.40)

Neste contexto, acreditando fazer justiça ao modelo patriarcal de matrimônio, à família que acreditava ter, ao “lar” que pelos discursos vigentes era vinculada denuncia “a traidora” para o ordem falocêntrica, para o pai e para os irmãos, o que não reestabelece o *status quo*. Em contrapartida, o “chefe da família”, traído pela “sua mulher”, avocará para si - conforme compreensão de Herzer - o direito do “macho com orgulho ferido” e a assediá-la:

Talvez meu pai pensasse em fazer isso antes, ou talvez tenha sido que ele pensou naquele momento, mas estava eu tapando alguns vidros de perfume, quando senti seu corpo tocar no meu corpo, e suas mãos me apertaram, aquelas mãos que antes eram tão dóceis e tão paternas, tornaram-se imundas e nojentas. Sim, meu pai me desejava. (...) eu, tentan-

do fugir, me debatia. Ele se irritou e golpeou com toda a sua força o meu braço esquerdo. Depois pelo visto, se arrependeu e me soltou. (HERZER,1982, p.44)

Interessante notar que Anderson, nessa escrita “passando a limpo”, buscando elaborar a sua vida num processo de reconfiguração de si mesmo, justifica o assédio sofrido pelo pai:

Só me entristece, hoje, o pesar de minha mente que se choca com a realidade. Pensar que tentei ver meu pai ao lado de minha mãe, e isso não aconteceu, e tenho certeza que não irá acontecer mais; saber também que gosto de meu pai, mas gostei muito mais, antes quando na minha infância, eu tentei mostrar que gostava dele, mas ele entendeu de modo errado; ou talvez ele não tenha entendido que uma pessoa como eu precisava de mais nada a não ser carinho e compreensão de um pai que a vida nunca me ofereceu. (HERZER,1982, p.45)



Ressaltamos que justificar o assédio sofrido a partir de “sua infância” é mais um sintoma de legitimação do discurso da ordem falocêntrica patriarcal que, cotidianamente e pedagogicamente, é imposto pelos dispositivos sociais. Dessa forma, Sandra, de vítima, passa a ser a responsável pela violência do Outro, do homem, da ordem e dessa forma perpetua sua legitimidade e infalibilidade.

Destaca-se que as angústias de Sandra são provenientes da Ordem imposta e os subterfúgios criados para a sua cura serão “lidos” pela sua família e pelo Estado como transtorno mental o que justificará as internações.

Por outro lado, paradoxalmente, será na Febem - com a liberdade cerceada - onde permaneceu praticamente dos quatorze aos dezoito anos de vida, que Herzer experenciará outras vivências de sua sexualidade, de sua corporeidade; experiências essas definidoras par

a sua (re)construção de gênero, que já se pronunciava desde a infância “(...) sempre desde minha infância, eu tive jeito de menino (...)” (HERZER,1982, p.55). Portanto, protagonista de sua história, na sua subjetividade, mergulhado em toxinas diversas da dominação patriarcal “pirraçou” e se fez homem. Foi neste espaço, onde todas as manifestações de afeto eram reprimidas e violentadas, onde “os dias eram lentos”, que Sandra foi levada a refletir sobre si mesma:

Nos dias que vieram a seguir, tive condições para perceber melhor as coisas que antes haviam me passado desapercibidas.

Uma noite, por exemplo, estava sentada no pátio, quando meus olhos depararam com o ato amoroso de duas meninas, que se beijavam e se abraçavam carinhosamente; (...) E eu fiquei pensando, recordando o jeito como uma delas se trajava, forçando um tipo masculino, embora tivesse gestos muito femininos: seu modo de andar, seu corpo. Era uma garota que mais tarde eu vim a conhecer como sendo “um dos machos” da unidade. Havia diversas iguais a ela, sendo que algumas tinham um tipo mais masculino. Aquilo não me assustou, embora eu não soubesse de tal existência. De outro lado, sempre desde minha infância, eu tive jeito de menino, chegando inclusive, numa festa familiar, a ser confundido com um garoto. Dentro de mim tinha um grande desejo de ter nascido menino. Portanto, para mim, pelo modo de agir, foi uma grande descoberta saber que para se ter uma mulher, para se vestir como um homem, não seria necessário ser um. Aquilo me cativou desde o início. (...) (HERZER,1982,p.55)



Destacamos, neste trecho, entretanto, os efeitos do padrão normativo sobre as percepções de Herzer do masculino e do feminino e a sua “denúncia” sobre a *performance* ambígua de uma das meninas que observava. Salienta-se que de acordo com o padrão cisgênero heteronormativo não há espaço para ambiguidades, não há possibilidade - dentro da norma - para descentramentos, deslocamentos.

Porém, se por um lado Sandra, confessa não se assustar com a vivência amorosa entre dois corpos iguais, por outro, diz nunca ter sabido daquela possibilidade.

Neste mesmo trecho, ao olhar para si mesma, também num ato de confissão, parece se distanciar da menina que “forçava um tipo machão”, pois se vê, se sente, e é vista, desde a infância, como menino. Interessante notar o apego ao qualificativo “machão”, pois é o que identifica um homem de “verdade” na nossa sociedade falocêntrica. Compondo a sua construção de masculinidade sob os efeitos dessa toxicidade, destaca-se também a objetificação da mulher desejada:

Mas logo descobri que não era somente Rosana que me olhava de modo diferente. Eu também, quando dei por mim, estava trazendo dentro de meu ser uma forte atração por ela. Eu a achava linda, perfeita, a mulher que qualquer homem gostaria de obter. (HERZER,1982, p.56)

Por outro lado, de forma ambivalente, Herzer - um sujeito subalternizado pelo sistema - assume nesta “escrita de si” um potente lugar de fala, pois ao trazer a público a sua experiência, o faz de forma engajada, reflexiva e terapêutica “(...) pois afinal, se todos podem optar pelo que acham certo, por que somente eu não poderia viver do modo que eu me sentisse melhor?” (HERZER,1982,p.65).

Em geral, as menores como eu eram chamadas de machão, mas a maioria delas era criticada pelas outras, pois nos passeios da unidade para locais como cinema, unidades masculinas, enfim qualquer tipo de passeios, essas menores eram totalmente diferentes: aceitavam gracejos de homens, muitas arrumavam namorados etc. Como nunca dei motivo para nenhuma crítica desse tipo, era sempre ressaltado como sendo o único “machão” autêntico. Ou-

tro motivo pelo qual meu apelido recebia ênfase e minha fama crescia eram pelos que começaram a se desenvolver em mim, nas pernas, axilas, peito, costeleta, características as quais as outras não possuíam, pelo contrário, às vezes chegavam a ser chamadas por mãezinhas. (HERZER, 1982, p.67)

Eu sabia que de longe as pessoas comentavam a meu respeito, de como eu poderia estar no meio das meninas, se eu não era um simples “machão” da Febem. As pessoas viam claramente que em mim acontecia algo diferente, daí a simpatia de tantas menores por mim (...). Para mim, eu era um rapaz em fase adolescente, e para alguns um caso que deveria ser tratado clinicamente (HERZER, 1982,p.108)

Destaca-se, a partir deste trecho, a lucidez de Herzer quando nos revela o estranhamento que sua experiência causava no Outro: para mim, eu era um rapaz e para alguns um caso a ser tratado clinicamente. Entretanto, resistia. Entretanto, fez de sua escrita um poderoso e lúcido espaço de resistência: um corpo em campo de batalha. Nesta perspectiva, as mudanças estéticas e físicas vivenciadas nesta transição e reveladas nesta escrita desabafo, são conjugadas com as violências físicas e simbólicas que sofre, cotidianamente, nos últimos anos de vida na Febem:

(...) quando o Sr. Humberto ficou sabendo de meu retorno, chamou-me em sua sala, e lá, quando olhou e reparou que meu cabelo estava curto, disse-me que eu teria que tomar cuidado para não pisar em chão errado e que meu cabelo teria que crescer rápido antes que ele se enfezasse. (HERZER,1982, p.64)

O diretor da unidade (...) não me aceitava tal qual eu era, ele queria que eu fosse como as outras meninas, que usasse roupas diferentes (...) queria, de qualquer modo, que eu raspasse as pernas e usasse vestido, isso sem contar as humilhações que ele me fazia passar perante todas, com palavras de baixo calão, como por exemplo, (...) – Machão sem saco,

machão sou eu que tenho duas bolas. (HERZER,1982, p.72)

Destaca-se que inúmeras vezes, Anderson é violentando e menosprezado por não ter “duas bolas”, por ser “machão sem rola” e sobre isso questiona “Estas palavras me ardiam ao fundo da razão, como seria o mundo se todos os homens trouxessem sua virtude, seu caráter no formato de duas bolas?” (HERZER,1982,p.110)

- Olhe quem está aqui, o homem da casa, o machão sem rola... E as palavras iam piorando cada vez mais (...). Enquanto me batia sempre no rosto, dizia ... – Abaixa a cabeça, homem como você tem que abaixar a cabeça pra mim. Mas meu orgulho era forte, apesar do corpo não estar aguentando mais. Ele queria que eu chorasse, abaixasse a cabeça, mas fui até o fim. Com a cabeça erguida, olhando para ele, jamais esquecerei seus olhos sádicos, que brilhavam enquanto me batia! Ele se cansou, parou, olhou para mim e me mandou tirar a cueca. Eu balancei a cabeça, me negando... Ele me jogou violentamente no chão, pisou em minha barriga, depois chutou meus pés e saiu. (...) Era incrível, as meninas choravam, reclamando esta ou aquela dor, mas eu não queria reclamar, nem chorar, nada, eu queria que tudo acabasse naquele instante, queria fechar os olhos e dormir, para sempre. Pensei morrer... (HERZER,1982, p.81)



Dessa forma, se por um lado, a violência oprime, também alimenta a sua resistência e, paradoxalmente, parece alimentar tanto a sua pulsão de vida, quanto a sua pulsão de morte pois, se por um lado, reforça a potência masculina em construção, por outro, revela corpos-identidades negados cotidianamente pelo sistema falocêntrico e daí o desejo permanente de “que tudo acabasse naquele instante”.

A pressão sobre mim, que era grande por parte de alguns funcionários, piorou quando o diretor viu minha perna. Eu, francamente, não me preocupava muito, pois eu havia assumido e dizia a qualquer um que eu não cederia às pressões como espancamentos, ou outros tipos de castigo. (HERZER,1982, p.67)

Destaca-se que o seu protagonismo foi além da resistência física, além da decisão combativa de viver a sua sexualidade, o seu gênero, ainda que sob o estigma da loucura. Foi além, aceitou o convite para escrever sua história, sua experiência:

Em um final de semana fui convidado pelo Dep. Supplicity a almoçar em sua residência no domingo. (...) Minha assistente social permitiu, e a noite de sábado eu praticamente não dormi, ansioso em encontrar-me com ele e sua esposa (...). Uma pessoa me é apresentada, Rose Marie Muraro, da Editora Vozes. E durante o almoço discutimos novos planos para minha liberdade como o fato de eu escrever um livro, contendo poesias. Daí a ideia de transpor neste livro fases da minha vida, e é lógico que me fixei na fase mais constrangedora de minha vida, minha estadia na Febem. (HERZER, 1982, p.130)



Dessa forma, nos deparamos com a experiência de um corpo-identidade que assume o “lugar de fala” como um lugar de saber, um lugar de poder, pois se trata de uma experiência de existir que coloca em xeque discursos patologizantes ou demonizadores da diferença e por isso contribui, fortemente, para a fratura de discursos monoidentitários.

Considerações finais: a queda para o alto

A escrita de Herzer, portanto, nascida da agonia e da criticidade de quem sofreu no no corpo a punição por se constituir na dife-

rença acaba por revelar tanto o império do código patriarcal cisgênero heteronormativo manifestado pela Família e pelo Estado, fundamentalmente, a partir da atuação dos funcionários da Febem, metonímia da sociedade, quanto os reflexos disso na sua experiência de trânsito identitário:

Mais difícil ainda quando alguém nos vigiava, e quando o dia era lento, sabendo-se que à noite iríamos para o paredão novamente deixando que os funcionários noturnos descarregassem seus complexos machistas em tapas e socos. (HERZER,1982, p.111)

Eu com meu jeito de moleque, e pior ainda, autoritário, sem ser subordinado a ninguém trouxe sérios problemas aos funcionários (as), pois eu os desacatava em frente a todos os menores. E se por acaso um deles me ameaçasse, eu prontamente responderia sua ameaça à altura. Portanto, eles falavam comigo de modo gentil e mesmo que me ordenassem algo sem que eu demonstrasse interesse em cumprir, ao invés de levar o caso muito adiante, preferiam esquecer o assunto pedindo a outra menor que fizesse o serviço. (...) eu não era ruim, apenas muito revoltado com todas aquelas idas e voltas de unidade para unidade. (HERZER,1982, p.117)



Assim, constituído na revolta, num corpo e espírito revoltosos, converte sua escrita, suas memórias em denúncia, em arma, permitindo-lhe a sobrevivência nas controvérsias do existir pela escrita. Este relato, portanto, nos leva a mergulhar numa escala contínua de toxicidade quanto às práticas pedagógicas usadas para “educar” o seu corpo, o seu gênero, a sua sexualidade legitimada pela dominação masculina, legitimadores desta mesma dominação.

Mediante o desafio de se escrever, assume com uma potente lucidez, o protagonismo de sua representatividade e rompe com o lugar de subalternização imposto a pessoas – como ele:

Talvez eu tenha sido brutal na maneira de escrever, mas para mim era necessário colocar esse assunto à vista de todos, para que pudessem interpretar corretamente minha internação nos três lugares (...) (HERZER,1982, p.45).

Foi aí que prometi que faria algo por eles, contaria aqui fora de tudo que se passava escondido lá dentro. Não sabia se adiantaria muito, talvez nada, talvez um mínimo. Bastaria que eu fosse mais um a unir-me em defesa dos menores carentes, como dizia um provérbio antigamente: “Você pode não ser nada para o mundo, mas pode representar o mundo para um alguém (HERZER,1982, p.131).

Assim, por meio de sua escrita, nos leva a refletir o quanto as substâncias que compõem o discurso de masculinidade e pelo inverso o da feminilidade foram tóxicos para a sua experiência identitária. Pois fora violentado tanto no corpo de mulher quanto no de homem em construção; antes sujeitado como uma adolescente rebelde, depois “mulher paraíba” e por fim rejeitado e também violentado como homem; como um “corpo sem peso”, que se sucumbe ao suicídio, antes da publicação de sua obra.



Referências

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam*. In: LOURO, Guacira Lopes (Org). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Tradução: Tomás Tadeu da Silva Belo Horizonte: Autêntica, 2000.p.151-166.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomás Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HERZER, Anderson. **A queda para o alto**. São Paulo: Editora Vozes, 1982.

JESUS. Jaqueline Gomes de. Interlocuções teóricas do pensamento transfeminista. In: **Transfeminismo: teoria e prática**. JESUS. Jaqueline Gomes de (Org). Rio de Janeiro: Metanóia. 2012. p. 3-18.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução: Tomás Tadeu da Silva Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p.07-35.

Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-V. Associação Americana de Psiquiatria. Tradução de: Maria Inês Corrêa Nascimento. Porto Alegre: ARTMED EDITORA LTDA, 2013.

SCOTT, Joan W. **Experiência: tornando-se visível**. In: DA SILVA, Alcione Leite (Org). Falas de Gênero: teorias, análises, leituras. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999, p.21-55.

Recebido em 06/03/2017

Aceito em 08/06/2017

